



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA

CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE

DULCINEIA SANTANA DOS SANTOS ALMEIDA

EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS AO LONGO DA FORMAÇÃO EM
PSICOLOGIA: UMA NARRATIVA DE UMA MULHER NEGRA

Santo Antônio de Jesus

Março de 2022

DULCINEIA SANTANA DOS SANTOS ALMEIDA

Experiências vivenciadas ao longo da formação em Psicologia:
uma narrativa de uma mulher negra

Este portfólio foi produzido como Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Psicologia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia como requisito à obtenção do título de Bacharela em Psicologia.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª. Fabíola Marinho Costa

Santo Antônio de Jesus

Março de 2022

Experiências vivenciadas ao longo da formação em Psicologia:
uma narrativa de uma mulher negra

DULCINEIA SANTANA DOS SANTOS ALMEIDA

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dr.^a Fabíola Marinho Costa

Centro de Ciências da Saúde

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia



Prof.^a Dr.^a Luane Neves Santos

Centro de Ciências da Saúde

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia



Prof. Dr. Roberval Passos de Oliveira

Centro de Ciências da Saúde

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em 18 de março de 2022

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO _____	5
2. SOBRE MIM _____	6
3. A PRIMEIRA EXPERIÊNCIA, O BIS _____	9
4. A GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA _____	13
5. MEU PROJETO DE TCC _____	16
6. O FUTURO _____	17
7. CONCLUSÃO _____	19
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS _____	21

APRESENTAÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi desenvolvido no formato de portfólio, entendido como um dossiê com o registro das aprendizagens ocorridas ao longo da minha formação em Psicologia. Esse registro está organizado de forma cronológica e tem como objetivo apresentar algumas das atividades realizadas e minhas reflexões, através de uma narrativa em primeira pessoa, que reflete um pouco do que venho aprendendo ao longo de minha formação acadêmica.

Comecei a confecção do meu trabalho selecionando os componentes curriculares que mais me afetaram, seja através do conhecimento teórico ou dos encontros que ajudaram no processo de construção da minha subjetividade, durante a graduação. O primeiro tópico é intitulado "Sobre mim", onde eu descrevo parte da minha infância, da minha família, de quem sou eu. Depois, escrevo sobre o primeiro ciclo da graduação, destacando um artigo redigido por mim e mais algumas colegas, meu TCC e uma atividade prática realizada em uma comunidade.

Logo após, eu discorri sobre o segundo ciclo da graduação, no qual o aporte teórico é específico da Psicologia. Nessa segunda fase, selecionei os componentes curriculares que abordavam os temas que se aproximavam da minha proposta de TCC e que foram a fonte de onde bebi para construção deste portfólio.

Em seguida, relato um pouco sobre como se deu o processo de construção do meu trabalho, as dificuldades encontradas e as expectativas para o futuro. Ao longo do texto, adicionei algumas fotos e indiquei alguns filmes relacionados aos conteúdos abordados. Termino meu portfólio com as conclusões e as referências utilizadas.

SOBRE MIM



Sou uma mulher negra, filha de mulher negra, neta de mulher negra e, como mulheres negras, sofremos com o racismo todos os dias. Por que sofremos discriminação? Porque, apesar da diversidade racial que caracteriza o Brasil, o racismo é estrutural, ou seja, um sistema de opressão cuja ação ultrapassa a simples formatação das instituições, e vai desde a apreensão estética até todo e qualquer espaço nos âmbitos público e privado, pelo fato de ser estruturante das relações sociais e, portanto, estar na configuração da sociedade, sendo por ela naturalizado e dessa forma mantém, reproduz e recria desigualdades (Bersani, 2018). O racismo formatado desde a vigência do escravismo me leva a pensar o quanto nós somos afetadas em todas as instâncias seja ela qual for, trabalho, saúde, educação e, principalmente, a saúde mental.

Bem, voltando a falar sobre mim, sou mãe de dois filhos e avó de Hanna. Trabalho como Agente de Endemias. Quando falo de trabalho, lembro-me de minha avó, que trabalhou a sua vida toda na lavoura, saía de madrugada, chegava à noite, cansada. Ela e minha mãe, que eram empregadas domésticas, sofreram em seus trabalhos, trabalhando muito e ganhando pouco. Mal conseguiam colocar comida em casa. Eu estava lá observando quando elas chegavam em casa, cheias de dores no corpo e também na alma pela humilhação pela qual elas passavam e que eu tive que passar também. Hoje percebo o quanto o racismo estrutural serve para reforçar estereótipos. Eu sempre pensei em estudar e ser professora, porém antes de crescer, virei empregada doméstica, assim como minha mãe. Porque a nós, negras, foi imposto um lugar de subalternidade, mesmo após a "dita" abolição da escravatura. A atribuição do lugar doméstico, seja no âmbito privado ou no âmbito do trabalho, relaciona-se à disseminação do patriarcado por todas as esferas sociais (Teixeira, Saraiva & Carrieril, 2015), ou seja, prevalecem as relações de poder e domínio dos homens sobre as mulheres e todos os demais sujeitos que não se encaixam com o padrão considerado normativo de raça, gênero e orientação sexual.

Essa é minha história com relação ao trabalho, mas é também a história de muitas mulheres, visto que, no Brasil, as mulheres têm trajetórias duradouras nas ocupações de

menor prestígio e de más condições de trabalho, como o emprego doméstico, atividade em que as mulheres negras são mais numerosas (Hirata, 2014).

A construção social dos trabalhos manuais é vista como "inferior" e os trabalhos onde as pessoas são diplomadas como "superior". Eu tinha esta visão e, por isso, não gostava de trabalhar como doméstica. Lembro-me que eu odiava limpar banheiro, fazer os serviços domésticos e odiava a forma como eu era tratada: copos e pratos separados, dormindo num quartinho apertado na área de serviço, não podia usar o banheiro da casa, só o dos fundos e só comia depois que todos tivessem acabado de comer. Essas lembranças vieram à tona quando assisti a um filme (2015, intitulado "Que horas ela volta?", escrito e dirigido por Anna Muylaert) na universidade, que mostrava a trajetória de uma empregada doméstica e esse lugar de subalternidade que é reservado para elas. Pedi para minha mãe me tirar do trabalho e me deixar estudar. Quando ela deixou, fiquei muito feliz, estudei e consegui concluir o ensino fundamental, logo depois o ensino médio. Fiz magistério, era o meu sonho, porém não consegui lecionar. Em todas as escolas particulares que eu colocava *curriculum*, nunca me admitiam. Resolvi partir em busca de um emprego no comércio, mas também não obtive êxito. Nesse período eu engravidei e fiquei quase 10 anos sem estudar e sem trabalhar, fiquei cumprindo o papel ao qual nos é imposto pela sociedade: cuidadora do lar. Até que um dia resolvi fazer concurso público e, na primeira tentativa, fui aprovada em três concursos municipais. Pude até escolher em qual queria ficar. Eu decidi também fazer o ENEM para testar meus conhecimentos. Obtive nota 900 e me senti inteligente. Fiz minha inscrição no SISU e agora sou graduanda do curso de Psicologia na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).

Sou cristã. A igreja é meu ponto de equilíbrio, onde encontro paz, apesar de saber que a igreja ajudou, e ainda ajuda, na segregação e extermínio das minorias. Ainda assim é um lugar que, no sentido da individualidade e não do coletivo, é um espaço de acolhimento, que é algo indispensável na promoção da saúde física e mental para mim. Quando nos sentimos parte de um grupo, através de atividades litúrgicas e sociais, nos é concedido o sentimento de pertença e autoestima (Santos, 2019). Quando Santos (2019) afirma isso, fala acerca dos terreiros, porém eu aplico aqui a todas as religiões. Afinal, dentro da espiritualidade, há uma gama vasta delas e cada pessoa se identifica (ou não) com a que mais lhe oferece paz.

O que mais posso falar sobre mim? Bem, eu gosto de organizar e ornamentar festas, gosto de fazer artesanato (aprendi com minha avó), gosto de ler (não mais com a mesma intensidade que nos meus primeiros 16 anos de vida, mas ainda gosto), sou um pouco tímida, mas sou atenciosa e sempre estou disposta a ajudar quem precisar. Já plantei uma árvore, mas nunca escrevi um livro, porém gostaria de fazê-lo. Quais são meus sonhos? Simplesmente poder me sentir feliz onde quer que vá.

A PRIMEIRA EXPERIÊNCIA, O BIS



Ingressei na UFRB no ano de 2012, com a determinação em cursar Psicologia. Mas, por medo de não conseguir vaga, eu fiz minha inscrição no Bacharelado Interdisciplinar em Saúde (BIS), considerando que a universidade estava oferecendo uma quantidade maior de vagas. Desde o primeiro dia de aula, eu soube que seria um desafio a ser cumprido, pois, como eu falei anteriormente, foram quase 10 anos sem sequer tocar num livro. Isso sem

falar do sentimento que eu tinha de não pertencer àquele lugar. Naquele momento, eu não entendia que o sentimento de falta de pertença era o reflexo do impacto que as representações produzidas ao longo da história da escravidão e da "dita" pós-abolição causavam em minha subjetividade. Xavier (2021) afirma que, ao mesmo tempo em que há uma aposta coletiva na educação como possibilidade de ascensão social, a memória da escravidão regula as relações, sobretudo na criação das meninas, pois somos ensinadas desde cedo a lavar, passar, cozinhar para trabalhar em casas de família.

Eu sou a única pessoa da família em seis gerações a entrar numa universidade, sempre fui uma aluna acima da média em quase todos os componentes, nunca tirei uma nota menor que a média e nunca fiquei em recuperação. Cresci sendo “a inteligente da família”. Quando cheguei à universidade, no 1º semestre do BIS, no componente curricular “Ambiente, arte, cultura e atualidade”, tirei minha primeira nota abaixo da média. Lembro que fizemos a prova e, no dia que eu recebi a nota, eu apresentaria um seminário. A notícia da nota baixa foi tão impactante que eu não consegui apresentá-lo. Acabei esquecendo tudo que eu tinha estudado e quando saí do campus, fui chorando até minha casa. Para mim era inaceitável tirar uma nota baixa. Esse acontecimento reforçou o sentimento de que a universidade não era para mim. Eu não consegui me ver como uma pessoa inteligente e capaz, e nem projetar um futuro dentro da academia. Acerca dos sentimentos de não identificação com a universidade Xavier (2021) relata:

A negação da oportunidade de projetar uma “vida da mente” incide de forma específica nas trajetórias de mulheres negras, como vimos, historicamente representadas como portadoras de uma natureza agressiva, descontrolada, hipersexualizada ou na condição de trabalhadoras abnegadas. Essas interseções entre opressões de gênero, raça e classe fazem com que a carreira intelectual seja um horizonte muito distante para a maioria de nós (Xavier, 2021, p. 3).



No decorrer da graduação, tive várias vivências. Uma maravilhosas, outras nem tanto, mas dei continuidade. Uma vivência maravilhosa que eu tive foi no componente curricular “Processo de apropriação da realidade (PAR)”. Fomos incumbidos de visitar uma determinada comunidade, onde trocamos experiências. Foi uma atividade muito importante para minha formação, onde aprendi a história do Sistema Único de Saúde (SUS), quando foi criado, como é formado, desconstruindo a minha visão de que o SUS reduzia-se apenas às unidades de saúde. Aprendi sobre o modelo biomédico de saúde, que vê no indivíduo apenas a parte doente sendo sua subjetividade negada, aprendi o conceito de saúde da Organização Mundial de Saúde (OMS) que definiu saúde como “um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de doença”. A partir desses conhecimentos produzidos organizamos nossa ação. Nós levamos para a comunidade o conhecimento da universidade através de uma ação coletiva sobre saúde e aprendemos com eles os conhecimentos daquela comunidade através das vivências. Nossa ação envolveu feira de saúde, momento cultural com a associação de capoeira do bairro e a apresentação de um repente sobre o SUS.

No componente curricular “Tópicos especiais em saúde: elaboração de artigo científico”, eu e alguns colegas produzimos um artigo intitulado “Autoavaliação da Condição de Saúde da População Baiana” (Figueiredo et al, 2017). O estudo, com caráter transversal, utilizou o banco de dados da Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) em investigação domiciliar. As variáveis selecionadas foram sexo, raça/cor, estado civil, plano de saúde, diagnóstico de doença crônica, presença de depressão nas últimas semanas, nível de instrução, faixa etária e condição de saúde. A partir das análises, concluímos que a maioria das pessoas relatou seu estado de saúde como bom. Destaca-

se que essa definição foi mais frequente em pessoas do sexo masculino, jovens, com companheiro, que possuem plano de saúde e maior escolaridade. Esse artigo foi publicado na Revista de Saúde Coletiva da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), em dezembro de 2017. Esse trabalho foi importante porque foi a primeira vez que tinha feito um trabalho tão elaborado, nós aprendemos técnicas de pesquisa e as partes de um artigo, resumo, introdução, metodologia, desenvolvimento, análise de dados, discussão e conclusão e quais bases de dados são confiáveis para consultar.

Uma última lembrança do BIS, que quero deixar aqui, foi quando estava fazendo o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Foi muito difícil, mas eu tive uma boa orientadora. A professora teve muita paciência e dedicação. Lembro que eu dizia “não vou conseguir” e ela dizia: “Calma! Você consegue”. Realmente consegui e o tema foi "Experiências de redução de danos no Brasil: uma revisão de literatura". Como o título já diz, fiz uma revisão bibliográfica sobre o uso abusivo de substâncias psicoativas e as estratégias de redução de danos no Brasil. Aqui aprendi o quanto os usuários de substâncias ilícitas são estigmatizados, como se deu a criminalização dessas substâncias, o que é redução de danos e como as políticas públicas são articuladas nesse campo. Lembro que foi muito impactante quando comecei a ler sobre, porque eu como moradora de favela presenciava no meu dia a dia a ação da polícia na abordagem dos usuários de drogas. Traficantes e usuários eram tratados da mesma forma, com pancadaria. Antes eu tinha uma visão estereotipada, como a da polícia. Depois das leituras, quando eu via tais abordagens eu sentia revolta e pensava: por que o estado não cuida ao invés de matar? Por que eles não têm uma ação mais humanizada? As leituras para construção do TCC me proporcionaram um grande crescimento intelectual e pessoal. Logo abaixo apresento o resumo.

Durante muito tempo o consumo de drogas foi uma necessidade humana. Entretanto, nem sempre esse consumo foi visto como problemático. Após as duas grandes guerras mundiais, começaram a aparecer os problemas relacionados ao uso de drogas, surgindo o movimento proibicionista e a guerra às drogas, concentrando esforços na redução da demanda de drogas. Essa proposta proibicionista, pautada na repreensão e criminalização, com o passar do tempo mostrou-se ineficaz no enfrentamento dos problemas causados pelo uso abusivo de drogas. Nos anos 80, com o crescimento da epidemia da AIDS, aparece uma

nova proposta de abordagem aos danos causados pelo uso e abuso de substâncias psicoativas, que é a proposta de redução de danos. O presente trabalho tem por objetivo caracterizar experiências de redução de danos desenvolvidas no Brasil no período de 2006 a 2016. Foram consultadas duas bases bibliográficas eletrônicas, Scielo e Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), onde utilizou-se como descritores: redução de danos, política de redução de danos, álcool e drogas, substâncias psicoativas. Para seleção dos artigos, considerou-se como critérios de inclusão: textos publicados na íntegra no período de 2006 a 2016, trabalhos que descrevem estratégias utilizadas para a redução de danos relacionados ao uso abusivo de substâncias psicoativas, relato ou descrição de experiência de redução de danos no Brasil. Para análise dos artigos selecionados, foram elaboradas categorias temáticas a partir da revisão da literatura. Observou-se que a redução de danos é uma prática singular, que não há um modelo fechado para a sua implantação, as ações desenvolvidas pelos programas de redução de danos destinam-se, em especial, aos usuários de substâncias psicoativas, a abstinência não é a meta principal, o foco é a redução dos problemas causados pelo abuso de substâncias psicoativas. A maioria dos programas utiliza a estratégia de consultório na rua como método de aproximação e de criação de vínculos. O redutor de danos é peça chave na abordagem aos usuários de substâncias psicoativas no contexto da rua e o preconceito apresenta-se como principal desafio para a realização das ações de redução de danos. Os programas de redução de danos, em sua maioria, ficam a cargo das secretarias municipais de saúde e o CAPSad é um serviço estratégico para a sua efetividade. Conclui-se que as experiências de redução de danos no Brasil têm contribuído para o resgate da cidadania dos usuários de substâncias psicoativas.

O BIS foi um misto de conhecimentos, contribuiu para meu crescimento acadêmico, e assim eu passei para o segundo ciclo da graduação em Psicologia. Agora meu sonho estava mais perto de ser realizado, entretanto, ainda tinha um longo caminho a percorrer.

A GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Como havia dito anteriormente, entrei para o segundo ciclo da graduação em Psicologia. Quando fui fazer minha matrícula, levei comigo minha neta e ao chegar à sala do Colegiado de Psicologia, como minha neta é bem espontânea e autêntica, começou explorar o ambiente e, nesse momento, uma professora que estava presente (ela não fazia parte do colegiado) olhou para mim e perguntou: "Ela vai deixar você estudar?". No momento, eu não me atentei para aquela pergunta e apenas respondi: "Ela não é minha filha, é minha neta". Depois de cursar alguns componentes curriculares da Psicologia, eu voltei a pensar naquele episódio e identifiquei naquela fala um pensamento engendrado por uma ideologia patriarcal, onde mulheres com filhos não podem estudar. Elas têm que permanecer em casa cuidando dos filhos porque esse é o seu papel. Talvez a professora nem tivesse consciência do quanto esse discurso machista estava imbricado na sua fala. O importante é que, ao fazer essa análise, eu estava reconhecendo, aprendendo ou me politizando acerca de questões que dizem respeito não só a mim, mas a um coletivo.

Mas não quero deixar aqui somente lembranças ruins e, por isso, quero falar sobre alguns componentes curriculares que me direcionaram até este TCC. Desde o primeiro semestre, o curso de Psicologia nos oferece conteúdos que colaboram para que alunos e alunas tenham uma formação crítica, politizada em todas as áreas. Como eu relatei no início deste portfólio, eu nunca gostei de trabalhar como doméstica e, por isso, resolvi entrar numa universidade. Esse tema sempre foi algo que me afetava e o componente curricular "Psicologia, organização e trabalho" me fez enxergar o trabalho para além de uma atividade com remuneração. Aprendi que o trabalho tem suas implicações na vida da pessoa que o realiza, podendo afetar a saúde mental, já que emoções compõem essa relação entre a pessoa e o trabalho. Assim eu pude perceber que a minha relação com o trabalho de doméstica despertava em mim sensações muito ruins que afetaram o meu olhar sobre o trabalho. Eu via o trabalho apenas como uma forma de sustento, uma obrigação. Aprendi também sobre diversidade e inclusão nas organizações e como é importante que todas as pessoas e grupos se sintam incluídos em seus locais de trabalho, aumentando assim a motivação para trabalhar. Nesse componente tivemos atividades com jogos, visitamos uma instituição e discutimos sobre um estudo de caso para

aprendermos a resolver conflitos organizacionais. No final ainda tivemos um momento cultural com um sarau muito bom.

Outro componente curricular que trouxe questões importantíssimas para minha formação acadêmica e pessoal foi “Psicologia, saúde e clínica”. Nesse componente aprendi sobre relações raciais, racismo e como estes afetam a saúde mental, aprendi o que são minorias e como estas vêm sendo exterminadas ao longo dos tempos, como o genocídio de pessoas pretas é tão expressivo em nossa sociedade. Também conhecemos a história da loucura através da discussão de dois filmes: "Holocausto brasileiro" (2016, dirigido por Daniela Arbex e Armando Mendz), documentário que fala sobre o hospital de Barbacena e as atrocidades que foram cometidas com as pessoas ditas como loucas e que, em sua maioria, eram mulheres negras, homens negros, crianças que nasciam com alguma “deficiência”; "Nise: o coração da loucura" (2016, dirigido por Roberto Berliner), filme que conta a história de uma psiquiatra que revolucionou o tratamento de pessoas que eram internadas no manicômio, não usando choque, mas usando a arte. Aprendemos sobre os determinantes sociais do processo saúde-doença e como esses podem produzir exclusão. A professora trouxe também para as discussões as Referências Técnicas sobre Relações Raciais do Centro de Referências Técnicas em Psicologia e Políticas Públicas (CREPOP), que são recursos que o Conselho Federal de Psicologia (CFP) oferece às psicólogas(os) que atuam no âmbito das políticas públicas, para qualificação e orientação de sua prática profissional.

Outro componente que marcou muito foi o “Estágio supervisionado básico II”, onde nós acolhemos adolescentes autodeclaradas pretas e pardas em situação de vulnerabilidade social. Essa experiência foi bastante significativa, pois era o momento de colocar em prática os conhecimentos adquiridos durante a graduação. Vários sentimentos me tomaram durante aquele semestre: vontade de desistir, sensação de impotência, o medo de não dar conta, sensação de falta de conhecimento teórico, mas ao final deu tudo certo. O estágio consistiu na aliança terapêutica, onde atendemos as demandas apresentadas pelas adolescentes, trabalhamos as questões raciais e financeiras, falamos sobre machismo e os impactos causados na vida das adolescentes. Nesse semestre, eu aprendi o que é cuidado, empatia e como não culpabilizar o indivíduo. Estava cursando também o componente “Psicologia, educação especial e inclusão” e, como as

adolescentes chegaram com queixa de dificuldade escolar, esse componente me ajudou bastante.

São muitas lembranças boas: encontros de Psicologia, Cine Negras, Reencôncavo, minicursos, cursos de extensão. Enfim, gostaria de falar sobre todas as vivências que tive ao longo da graduação, mas infelizmente não será possível.

Eu ainda estou concluindo a graduação, chegando na reta final. Nesse momento, estou cursando o componente “Direitos humanos e políticas públicas”. Posso dizer que a felicidade me define em relação aos conteúdos apresentados. Falar sobre direitos das minorias, inclusão, exclusão, atuação das psicólogas... são discussões importantes que não se restringem à academia, mas se expandem para a vida, além de nos ajudarem no processo de construção da nossa subjetividade. Quando assisti à primeira aula, falando sobre desigualdades sociais, senti uma coisa boa. Eu já tinha visto alguma coisa durante a graduação, porém não foi tão rico como nesse componente. O tema foi apresentado desde sua gênese e aquela ideia que eu tinha de que as desigualdades existiam apenas no âmbito da economia foi desconstruída quando li o referencial teórico apresentado no componente e descobri que, além do capital financeiro, existe um capital cultural que ajuda a naturalizar as desigualdades. No decorrer do componente, descobri que patriarcado, meritocracia, racismo, genocídio, machismo, são tópicos ideológicos interligados, dentro do capitalismo, criados por uma classe que se acha superior, para legitimar seus privilégios. Aprendi que existe inclusão perversa, quando se inclui para excluir. Estudei a Declaração dos Direitos Humanos, um documento norteador produzido pela Organização das Nações Unidas (ONU), e seus impactos na sociedade atual. Através desse componente curricular, eu conheci o filme que citei no início deste portfólio: “Que horas ela volta?”. Foi o momento que eu fui mais afetada no componente. Assim que a aula acabou, fiz logo um comentário na plataforma que a professora usa para computar a frequência, devido estarmos tendo aula de forma remota. Acho que foi a única aula que comentei.

MEU PROJETO DE TCC

Depois de ouvir, ler e discutir os referenciais teóricos citados nas seções acima, algumas questões começam a surgir na minha cabeça. Será que quando eu terminar a graduação eu vou vivenciar as mesmas dificuldades para trabalhar como eu passei ao concluir o ensino médio? Será que eu vou sofrer discriminação quando eu for em busca de um espaço para trabalhar? E se eu consegui me inserir no mundo do trabalho, como irão me receber? O que eu vou precisar fazer para “conquistar” meu espaço? Como psicólogas negras egressas da UFRB estão se saindo? Quais as barreiras que elas estão enfrentando? O quanto elas estão tendo que lutar para conseguir um lugar? Está sendo doloroso? Como elas estão sendo recebidas? Como estão sendo vistas ou não estão sendo? Se eu tiver um diploma muda alguma coisa? Então, resolvi refletir sobre o processo de inclusão de psicólogas negras egressas da UFRB. Conversei com uma colega e nós pensamos na professora Fabíola como uma boa opção de orientação, visto que a área de conhecimento dela é a Psicologia organizacional e do trabalho.

Procurei a professora, expliquei para ela qual era o meu tema de interesse e ela aceitou ser minha orientadora. No primeiro encontro, percebemos que não seria possível fazer um projeto de pesquisa envolvendo um trabalho empírico, pois não haveria tempo hábil para que o Comitê de Ética concedesse parecer favorável. Então, resolvemos fazer uma revisão de literatura.

Confesso que encontrei muitos desafios por vários fatores. Porém, o que mais me impactou foi a questão pessoal. Eu estava passando por alguns problemas pessoais e não conseguia dar conta, o que refletiu no meu projeto. Eu não conseguia ler e nem escrever nada. Além disso, a pouca produção científica sobre o tema a ser investigado, que contemplassem as minhas expectativas, me deixava mais desanimada. Não encontrei produção acadêmica falando sobre o processo de inclusão das psicólogas negras no Brasil. Após algumas tentativas sem resultado significativo, a professora sugeriu a confecção deste portfólio no qual eu relato e reflito um pouco de minhas vivências na graduação.

O FUTURO

Ao refletir sobre o meu futuro como psicóloga, mulher negra, busquei investigar a literatura acerca da diversidade e do processo de inclusão no mundo do trabalho e suas organizações. A forma como se compreende a realidade exerce influência no contexto, nas experiências individuais e nas relações organizacionais, a partir das crenças, valores e estereótipos. Isso implica uma prática institucionalizada de exclusão social de alguns grupos e discriminação no ambiente de trabalho como, por exemplo, a discriminação de raça e gênero (Torres, França, Oliveira & Presotti, 2016). A discriminação ocorre quando é criada uma condição de desqualificação do não igual, quando uma pessoa é tratada como inferior em função de suas características e está associada ao preconceito que se configura como uma predisposição individual para desvalorizar, subordinar e segregar (Heloani & Silva, 2019).

O Brasil, mesmo sendo um país de origem diversificada, é uma sociedade dividida por classes, onde as oportunidades educacionais e as posições de prestígio no mundo do trabalho são definidas pelas origens econômicas e raciais, sendo que mulheres e pessoas negras são mais difíceis de serem encontradas ocupando cargos de níveis mais elevados (Fleury, 2000). Dentre os vários grupos que sofrem com a discriminação dentro e fora do ambiente organizacional estão as mulheres, principalmente as mulheres negras, que foram inseridas no mercado de trabalho no período das guerras europeias e pós-guerras, e que, muitas vezes, não são reconhecidas como parte da população economicamente ativa (Torres & Pérez-Nebra, 2014). Ainda que avanços importantes possam ser observados, como uma maior ocupação nas organizações pelas mulheres, inclusive em cargos de chefia, ainda persiste a discriminação (Zauli, Torres & Galinkin, 2012). Além do “teto de vidro”, que é definido como barreiras explícitas, artificiais e invisíveis, criadas por preconceitos organizacionais que impedem o acesso das mulheres aos altos escalões (Zauli, Torres & Galinkin, 2012) as disparidades salariais, a precarização do trabalho e a falta do sentimento de pertença acabam por dificultar o processo de inclusão de mulheres às organizações.

Nesse sentido, sinto que o meu futuro profissional é incerto. Sei que terei que transpor barreiras. Meu percurso está apenas começando e será longo, mas é um sonho que eu estou conquistando. Com esta narrativa eu quero mostrar para tantas outras mulheres,

negras, moradoras de periferia como eu, que é possível para nós adentrar nesses espaços que nos foram negados ao longo da história. Nós podemos ter empregos que não envolvam apenas trabalhos manuais. Nós podemos sim ser intelectuais.

CONCLUSÃO

Amo borboletas! Quando ainda é uma lagarta ela tem uma aparência “feia” e se arrasta pelo chão. Muitos não dão valor, porém ela é forte e consegue sobreviver ao processo de permanecer em um casulo até o momento de se transformar em uma linda borboleta pronta para voar alto. Nós, mulheres negras, somos parecidas com as borboletas. O nosso casulo são os efeitos psicossociais que o ideário branco causa em nossa subjetividade, nos obrigando a deixar quem somos para vestir o que eles vestem, usar o cabelo que eles usam, na tentativa de amenizar a nossa dor, e com isso negamos nossa identidade. Entretanto, podemos ressignificar nossas identidades, buscar visibilidade, empoderamento, sermos sujeitas ativas de mudança.

Nesse sentido, penso que é possível sim sair desse processo como borboletas. Não é fácil, pois há muitas barreiras que precisamos transpor, visto que o racismo, mesmo que velado, ainda se mantém, e a supremacia masculina em cargos elevados ainda acontece. As mulheres, de modo geral, sempre estiveram na informalidade no mercado de trabalho, caracterizado por suas formas precárias de realização da atividade laboral, com trabalhos desvalorizados e que mantêm resquícios do ambiente privado, doméstico (Araújo, 2015).

Entretanto, acredito que a universidade seja um caminho para que mulheres negras como eu possam adentrar em espaços tanto na esfera profissional, quanto social que antes não nos era possível. A universidade é um espaço de trocas que possibilita crescimento intelectual, pessoal e profissional. Mesmo que ainda alguns cursos sigam os padrões da branquitude, outros como o curso de Psicologia já ampliaram o olhar e abordam questões importantíssimas para os grupos historicamente discriminados.

A Psicologia brasileira é também uma mulher que questiona a divisão sexual do trabalho, a precarização e a baixa remuneração, que milita pelo reconhecimento da profissão e pela emancipação das mulheres (Lhullier, 2013). A Psicologia tem um papel importante na construção da minha subjetividade e ao construir esse portfólio pude perceber o quanto fui afetada durante a graduação. Hoje consigo me enxergar como alguém que construiu uma identidade dentro da universidade, que consegue aceitar sua ancestralidade e não negar suas raízes, que busca sair do lugar de invisibilidade e conquistar o empoderamento e que quando terminar a graduação vai estar preparada

para o fazer Psicologia, porque a universidade me preparou para isso. Espero que mais mulheres negras como eu consigam avançar em um processo de construção da subjetividade que produzam uma boa saúde mental, e que elas entendam que o lugar da mulher, principalmente a mulher negra, é onde ela quiser. Sejam todas borboletas!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Araújo, L. (2015). Geografia e as questões de gênero no contexto do trabalho: formas contemporâneas de inserção das mulheres no mercado de trabalho formal. *Pegada - A Revista da Geografia do Trabalho*, 16 (2), 293-306. <https://doi.org/10.33026/peg.v16i2.3928>
- Bersani, H. (2018). Aportes teóricos e reflexões sobre o racismo estrutural no Brasil. *Revista Extraprensa*, 11 (2), 175-196. <https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/148025>
- Figueiredo, A. C. M. G. et al (2017). Autoavaliação da condição de saúde da população baiana. *Revista de Saúde Coletiva da UEFES*, 7 (3), 40-44. <https://doi.org/10.13102/rscdauefs.v0i0.2114>
- Fleury, M. T. L. (2000). Gerenciando a diversidade cultural: experiências de empresas brasileiras. *Revista de Administração de Empresas*, 40 (3), 18-25. <https://doi.org/10.1590/S0034-75902000000300003>
- Heloani, J. R., & Silva, E. P. (2019). Diversidade no trabalho. In P. F. Bendassolli, & J. E. Borges-Andrade (Org.), *Dicionário de Psicologia do trabalho e das organizações* (pp. 303-309). Belo Horizonte: Editora Artesã.
- Hirata, H. (2014). Gênero, classe e raça Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. *Tempo Social*, 26 (1), 61-73. <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/84979>
- Lhullier, L. A. (Org.) (2013). Quem é a Psicóloga brasileira? Mulher, Psicologia e Trabalho / Conselho Federal de Psicologia. - Brasília: CFP. 157p.
- Santos, A. de O. O (2019). Enegrecimento da Psicologia: Indicações para a Formação Profissional. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 39 (spe), 159-171. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003222113>

Teixeira, J. C., Saraiva, L. A. S., & Carrieri, A. de P. (2015). Os Lugares das Empregadas Domésticas. *Organizações & Sociedade*, 22 (72), 161-178. <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaoes/article/view/12725>

Torres, C. V., França, L. H. de F. P., Oliveira, A., & Presotti, L. (2016). Diagnóstico de diversidade cultural e inclusão nas organizações. In H. Mendonça, M. C. Ferreira, & E. Neiva, R. (Org.). *Análise e diagnóstico organizacional: Teoria e prática* (pp. 195-224). São Paulo: Vetor.

Torres, C. V., & Pérez-Nebra, A. R. (2014). Diversidade e inclusão nas organizações. In J. C. Zanelli, J. E. Borges-Andrade, & A. V. B. Bastos (Org.), *Psicologia, organizações e trabalho no Brasil*. (pp. 526-546). Porto Alegre: Artmed.

Xavier, G. (2021). Como me tornei #dotorainspiração e o brinco de Ewá. *Revista Estudos Feministas*, 29 (1), 1-10. <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2021v29n161683>

Zauli, A., Torres, C. V., & Galinkin, A. L. (2012). Camara dos Deputados: democracia e igualdade de oportunidades entre mulheres e homens? *Cadernos De Psicologia Social Do Trabalho*, 15(1), 49-64. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-0490.v15i1p49-64>